

Mídia e memória na Amazônia do *Chupa-Chupa*: considerações iniciais¹

FERNANDES, Phillippe Sendas de Paula ²
Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ

Resumo: Os jornais desenvolvem suas narrativas e registram diversos discursos em suas páginas, resguardando acontecimentos de determinado lugar, em determinado tempo. Se levarmos em conta a relação entre memória e produção de narrativas, podemos estabelecer, numa reflexão imediata, o vínculo entre a construção de memória(s) e a mídia. O objetivo deste trabalho é apresentar algumas considerações iniciais sobre uma pesquisa, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da UFRJ, que busca analisar a contribuição da imprensa paraense na construção da memória em torno do fenômeno *Chupa-Chupa*. Em 1977, a Ilha de Colares, localizada no nordeste do Pará, vivenciava um dos momentos mais marcantes de sua história: moradores estavam sendo atacados por misteriosas luzes que vinham do céu, provocando palidez, queimaduras e até paralisia. A Aeronáutica, numa atitude inédita, desenvolveu uma investigação para apurar os ataques que, supostamente, seriam de extraterrestres: a Operação Prato. Neste artigo, destacamos os aspectos históricos do período em que ocorreu o fenômeno, além do caminho teórico-metodológico para a realização da pesquisa. Desse modo, acompanhamos o movimento de alguns pesquisadores que deslocam a mídia de seu usual posicionamento de “pano de fundo” destacando a relevância de sua atuação.

Palavras-chave: memória; jornais; sobrenatural; Amazônia.

Amazônia: mudanças, conflitos e mistério

Brasil, anos 1970. A ditadura militar, imposta com o golpe de 1964, completava 20 anos de um regime marcado pela forte repressão a vários setores da sociedade, entre eles, a imprensa. Em 1974, o país começava a viver o início do processo de abertura política, desejado pelo general Ernesto Geisel de uma forma “lenta, gradual e segura”. Na Amazônia, transformada em um dos grandes desafios para os militares, a palavra de ordem era “integrar para não entregar”, numa síntese do Plano de Integração Nacional (PIN), assinado ainda no governo do presidente Emílio Garrastazu Médici, que buscava o desenvolvimento e a integração da região amazônica e do Nordeste. O maior empreendimento rodoviário do país começa então a ser construído. Para o governo, a descoberta de uma nova nação. Para os que seriam atingidos pelas obras, diversas opiniões que oscilavam entre a euforia e o desprezo. Um megaprojeto de 5.296

1 Trabalho apresentado no GT de História da Mídia Impressa, integrante do 10º Encontro Nacional de História da Mídia, 2015.

2 Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da UFRJ. Bolsista CAPES. E-mail: psendas7@hotmail.com.

quilômetros: a rodovia Transamazônica (MORAIS; GONTIJO; CAMPOS, 1970, p. 51).

Com a obra, supostamente a soberania brasileira estaria garantida nas fronteiras e pelo menos cinco milhões de nordestinos seriam assentados à margem da estrada, em um plano de colonização baseado na agricultura de subsistência. Mais uma vez, a Amazônia se tornava alternativa para os flagelados do Nordeste, vítimas da seca e da miséria, como no final do século XIX, período do *boom* econômico da região consequência da produção da borracha. A propaganda do governo era hiperbólica, ainda sob influência do “milagre econômico”: apenas duas obras poderiam ser vistas da Lua, a milenar Muralha da China e a Transamazônica. Em 2003, no entanto, o ex-ministro Delfim Netto – empenhado na captação de recursos para a construção da rodovia – destacou em entrevista à revista *IstoÉ Dinheiro* que a Transamazônica “resultou num enorme fracasso e nunca ficou pronta”.

O projeto de colonização apresentou muitas falhas e a imigração, segundo Sant’Anna e Young (2000), potencializou a exploração dos recursos naturais da Amazônia porque o corte e a queimada da floresta para a formação das pastagens é o principal meio de sobrevivência. Eles apontam ainda que há uma interdependência entre o desmatamento e os conflitos por terra na região.

Distante do surto desenvolvimentista que assolou a região amazônica no início da década de 1970, a pacata Ilha de Colares, localizada no nordeste do Pará, vivenciava um dos momentos mais marcantes de sua história. Nem as lendas e mistérios que marcam a tradição oral dos que vivem na Amazônia provocaram reação semelhante ao que sentiram as pessoas que viviam na ilha em 1977. Relatos apontavam que moradores estavam sendo atacados por luzes que vinham do céu, provocando palidez, queimaduras e até paralisia. As vítimas descreviam, de forma similar, as reações sofridas no corpo após o ataque luminoso, como relata Cavalcante (2014):

As vítimas das luzes paralisantes e pesadas continuaram sendo afetadas, num crescendo. O segundo caso que foi examinado pela especialista de saúde foi uma moça, da Vila de Genipaúba. No caso, a luz assassina entrou pela janela e a atingiu à altura do pescoço. Os pacientes, dia a dia iam chegando. A jovem profissional já não sabia o que fazer diante do fluxo das vítimas.

Procurou resposta em seus livros de medicina e nada encontrou. Voltou-se para o exame minucioso nos pacientes. Usando luvas precárias deteve-se nas queimaduras apresentadas. Examinando-as lembrava-se das produzidas pelas bombas de cobalto. As lesões

tinham dois orifícios paralelos parecidos a picadas de agulha. Ao observar com mais cuidado, verificou uma intensa vermelhidão na área atingida, indolor, logo a seguir os pelos começavam a cair e a pele descamava em pouquíssimo tempo. (CAVALCANTE, 2014, p. 29).

A citada agente de saúde da Ilha de Colares era a médica Wellaide Cecim Carvalho, na época com 22 anos, que chegou para tratar dos primeiros casos que se noticiava. “Chuparam meu sangue!”, era uma queixa comum entre as vítimas (ATHAYDE, 2000, p. 163). Começava então um dos episódios mais instigantes da ufologia brasileira, o que tornaria Colares conhecida internacionalmente como a cidade do fenômeno *Chupa-Chupa*, onde, pela primeira vez na história, a Força Aérea Brasileira, orientada pelo 1º Comando Aéreo Regional, desenvolveu um esquema para investigar os casos, hipoteticamente de natureza ufológica, que ocorriam na região. A Aeronáutica iniciava a *Operação Prato*.

A Aeronáutica passou mais de 120 dias na região documentando todos os fenômenos, enquanto que filmes rodados eram enviados para Brasília. Lá eram simplesmente arquivados, não se sabendo realmente a que conclusão haviam chegado, permanecendo, para civis e leigos, secretos. Tal situação, é claro, não poderia deixar de ser diferente, principalmente num período de regime de força criado pela ditadura, em 1964, que mantinha uma severa censura, não permitindo que a imprensa ou mesmo civis entrassem em locais considerados importantes para os militares. (ATHAYDE, 2000, p. 162).

A proposta deste artigo é apresentar os primeiros passos de minha pesquisa de mestrado iniciada no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) em 2015. O percurso teórico-metodológico está em construção já que estamos na fase inicial da pesquisa. Diante dos limitados resultados, destacamos a relevância da discussão desse assunto num encontro guiado pela temática dos 30 anos da redemocratização no Brasil, que também destaca o uso da entrevista na pesquisa histórica, recurso metodológico que certamente recorreremos.

O “vampiro interplanetário” chega a imprensa paraense

Os jornais publicados no final dos anos 70 em Belém, capital do Pará, repercutiram diversas notícias sobre os ataques do *Chupa-Chupa* em Colares e em

outras cidades paraenses. Depara-se aqui com um fato, de intensa cobertura midiática, que envolve questões sobrenaturais. Mary Del Priore (2014) defende que, mesmo com a tentativa do homem moderno de separar a fé da existência racional, a busca de uma compreensão mais ampla do mundo e da existência garante a persistência das crenças individuais e coletivas até hoje, ponto que nos faz crer na capacidade que as notícias sobrenaturais têm de chamar a atenção de tantos leitores.

Crenças são capazes de exprimir a humanidade na sua mais profunda e intensa medida. Passados séculos, muitos desses objetos de fé e convicção continuam aí, jovens, oxigenados, vivos. O que se convencionou chamar de sobrenatural, maravilhoso ou fantástico revela, na realidade, atos de fé. Ninguém procura explicá-los. Eles são recebidos como uma mensagem no qual se lê toda a onipotência e as marcas da intervenção de Deus, ou deuses, em nosso mundo. (DEL PRIORE, 2014, p. 15).

A pesquisa busca analisar a contribuição dos jornais, definidos de acordo com o *corpus* da pesquisa, na construção da memória em torno do fenômeno *Chupa-Chupa*. Três assuntos formam a base do projeto: memória, sobrenatural e mídia. Com eles, definimos nosso tema a partir da seguinte inquietação: qual a relação entre a mídia e os fatos sobrenaturais que, na maioria das vezes, são repercutidos pelos principais meios de comunicação do país, inclusive atualmente? Essa questão-problema orientou a definição do objetivo geral que é analisar as notícias sobrenaturais na mídia brasileira, sob o ponto de vista da discussão teórica em torno da memória.

A partir do objetivo geral, outros pontos importantes deverão ser incluídos como as características da abordagem sobre o *Chupa-Chupa*; a relação entre as mudanças gráficas e editoriais dos jornais de 1970 e a produção de conteúdo em torno do objeto definido; os aspectos presentes nas narrativas dos jornais da época e que ainda persistem na produção jornalística atual; e até que ponto a censura aos meios de comunicação influenciou as reportagens sobre o fato, levando em consideração que a Aeronáutica estava relacionada com o caso.

Para que se possa ter noção sobre o que foi publicado, recorreremos ao que nos trazem os vestígios que resistiram ao passar do tempo. Em meio aos números disponíveis, encontra-se a edição de 19 de novembro de 1977 do jornal *A Província do*

Pará,³ sediado em Belém. No primeiro caderno do periódico mais importante da região, especificamente na seção definida como “Circuito Forense”, a manchete: “‘Vampiro interplanetário’ só gosta de mulher”. O subtítulo complementava: “O relato daqueles que já estiveram face a face com o ‘Vampiro’, popularmente conhecido por ‘Chupa-Chupa’”. Na composição da página, uma fotografia de cada vítima que teve sua história contada na matéria.

Enquanto os rumores vinham do interior do Estado, de regiões esquecidas pela civilização, [...] por onde essa alucinação se espalhou como rastilho de pólvora, encontrando um meio cultural subdesenvolvido propício para grassar livremente a população da capital, inclusive os próprios órgãos de divulgação se mantinham céticos e jocosos face à luz emitida por “objetos voadores não-identificados” que provocavam efeitos inesperados nas vítimas, por estranha coincidência, em sua grande maioria, mulheres. (Jornal *A Província do Pará*, 19 nov. 1977, p. 14).



Figura 1 Jornal *A Província do Pará*, 19 nov. 1977, p. 14.
 Fonte: Biblioteca Pública Arthur Vianna, Pará.

³ *A Província do Pará* foi criada em 25 de março de 1876 por três figuras importantes da sociedade paraense de então: Joaquim José de Assis, Francisco de Souza Cerqueira e Antônio Lemos. Ostenta, assim, o título de mais duradoura publicação do Estado, encerrando suas atividades em 2001, 125 anos depois de sua fundação [...].” (FERNANDES; SEIXAS, 2012, p. 38).

Com esse exemplo, percebemos o quanto o caso do *Chupa-Chupa* causou perplexidade na população local e também na imprensa. Aliás, o caso ocorrido em 1977 no Pará repercute até hoje em documentários, programas jornalísticos, reportagens em revistas especializadas, entre outros. Em agosto de 2005, por exemplo, o programa jornalístico *Linha Direta*,⁴ da Rede Globo de Televisão, produziu um episódio especial, *A Operação Prato*, que ressaltava os detalhes da única investigação oficial do governo brasileiro sobre extraterrestres.

Construindo o caminho teórico-metodológico

Um dos aspectos abordados por Marialva Barbosa (2007), em seu estudo sobre a história da imprensa brasileira no século XX, é a expansão dos leitores dos jornais, devido às inovações tecnológicas que intensificaram a complexidade da produção jornalística, aumentando a tiragem e transformando os antigos jornais em grandes empresas. Várias estratégias editoriais foram desenvolvidas para valorizar a questão visual das folhas, recorrendo a ilustrações e fotografias. Surgiram também os jornais dedicados a relatos pormenorizados de tragédias cotidianas e eventos que fugiam a normalidade, o que é definido como jornalismo de sensações.

[...] Portanto, quando consideramos este tipo de jornalismo como de sensações, não o fazemos apenas porque esses textos apelam às sensações físicas e psíquicas. As sensações a que nos referimos encontram-se na relação da leitura com o extraordinário, com o excepcional, aproximando-se esse tipo de notícia do inominável. São sensações contidas nas representações arquetípicas do melodrama e que continuam subsistindo nos modos narrativos dessas tipologias de notícias. Tal como os gostos e anseios populares – formados na longa duração – também as sensações desse tipo de narrativa mesclam os dramas cotidianos, os melodramas, em estruturas narrativas que apelam ao imaginário que navega entre o sonho e a realidade. (BARBOSA, 2007, p. 216-7).

Debruçamos nessas páginas de sensação para desenvolver a proposta desta pesquisa. Ao estabelecer como principal objetivo um estudo sobre a relação entre mídia e sobrenatural, sob o ponto de vista da construção da memória, é imprescindível que

⁴ Segundo o site *Memória Globo*, o programa *Linha Direta* buscava incentivar os telespectadores, a partir da reconstituição de crimes não solucionados, a fornecer pistas que ajudassem as autoridades policiais na solução de casos. O programa também se dedicou a abordar casos considerados inexplicáveis pela polícia, pela justiça e pela ciência por meio do *Linha Direta Mistério*.

abordemos, entre outros pontos, as discussões teóricas sobre memória.

No caso da memória de um grupo deparamos com a relação com a construção de narrativas. Com esse processo, o enquadramento da memória é realizado. E como o objeto desta pesquisa são os jornais, é importante localizá-los como materialidade do passado, que desenvolveram suas narrativas, registraram seus discursos nas páginas impressas e resguardaram os acontecimentos de determinado lugar, em determinado tempo. Como memória e construção de narrativas estão intrinsecamente vinculadas, pode-se estabelecer uma relação entre a construção da memória e a mídia.

Os trabalhos de três teóricos devem nos orientar nesse aspecto. Maurice Halbwachs (2003) destaca a memória como construção social e ressalta a significação simbólica das memórias individuais apenas porque elas seriam pensadas coletivamente. Michel Pollak (1992; 1989) é dedicado a analisar a relação entre memória e identidade e o processo de enquadramento da memória, que reflete em processos de disputa e imposição, muitas vezes voltados aos interesses de determinadas instituições sociais. É importante apontar aqui o contexto em que está localizado nosso objeto de pesquisa: propomo-nos a refletir sobre a produção jornalística num Brasil ainda sob a ditadura militar, por isso as discussões de Pollak são tão relevantes. É possível ainda que o conceito de “lugares de memória”, desenvolvido pelo historiador Pierre Nora (1993), também seja considerado já que buscamos destacar a prática narrativa midiática, o seu gerenciamento do real e, ainda, a relação do processo de construção de memória como um processo comunicacional. A imprensa assume a função de armazenar e formar a memória social, como destaca Enne (2004):

[...] Vários autores têm procurado demonstrar como os meios de comunicação de massa e, mais especificamente, os jornais, ocupam um lugar privilegiado como formadores e armazenadores da memória social. Neste sentido, os jornais poderiam ser pensados como construtores e/ou legitimadores de *lugares de memória*, no sentido dado por Pierre Nora. Mais precisamente: seriam eles, se não os *lugares de memória* (dadas às interpretações mais restritas do conceito), com certeza espaços privilegiados no arquivamento e produção da memória contemporânea. (ENNE, 2004, p. 20, grifos da autora).

Além da discussão teórica, é preciso compreender as questões que envolvem o sobrenatural e a sua relação com a mídia. Del Priore (2014), em seu trabalho sobre a

história do espiritismo, nos fornece pontos importantes sobre como fatos extraordinários ganharam repercussão na sociedade brasileira do século XIX e o quanto esse interesse pelo chamado “outro lado” persiste atualmente. Mesmo não sendo proposta do projeto questionar os fundamentos da ufologia brasileira e sim trabalhar a relação deles com a imprensa, ainda assim é necessário compreendermos os aspectos mais relevantes desses temas.

Se você acredita em fantasmas, almas do outro mundo ou *espíritos*, percebeu então que não está traindo seus antepassados. Eles também acreditavam. E seguimos acreditando por uma razão: há infinitas questões sem resposta. Durante o século XIX, a ciência tentou afogar o maravilhoso: sem sucesso. O século XIX foi, também, aquele em que o poder sobrenatural se confrontou com o institucional. A ordem lógica não conseguiu se impor, apesar de todas as conquistas da ciência. E o que se viu foi a reação da Igreja, de políticos, de médicos e de laicos diante do avanço inexorável do irracional. Empurrado para a marginalidade ou a clandestinidade, o sobrenatural progrediu. (DEL PRIORE, 2014, p. 169).

Sandra Garcia (2012), em sua tese de doutorado sobre um programa de entretenimento da *Rádio Cultura do Pará*, que abordava lendas e histórias sobrenaturais da Amazônia, também traz reflexões interessantes sobre o uso do jornalismo em programas dessa natureza. Como exemplo cita o programa “Incrível! Fantástico! Extraordinário”, sucesso entre 1947 e 1958, que instigava a imaginação dos ouvintes com histórias fantásticas. Aliados a isso, deve-se considerar também estudos históricos que envolvem a imprensa brasileira no período de análise, além de obras que não trabalham especificamente a história da imprensa, mas são pertinentes para contextualizar os momentos históricos abordados no trabalho.

Para o desenvolvimento da nossa proposta geral, vamos recorrer a fontes bibliográficas e documentais, nomeadamente os jornais publicados em Belém no final dos anos 70 e estudos históricos que envolvem a imprensa brasileira, além de trabalhos que abordem o sobrenatural para estabelecermos relação com a mídia. Sobre a orientação metodológica previamente definida, consideramos a proposta de estudo da história da comunicação desenvolvida por Michael Schudson (1993) em que se trabalha a relação dos meios de comunicação com a história cultural, política, econômica ou social de um determinado lugar, refletindo sobre as influências das mudanças sociais na mídia e vice-versa.

O *corpus* da pesquisa leva em consideração três jornais que foram definidos de acordo com as edições disponíveis nos acervos para consulta e diante da relevância na repercussão sobre a *Operação Prato*. Em relação ao período de consulta, os meses foram selecionados de maneira a envolver o momento em que ocorreram os fatos e a sua repercussão. A *Tabela 1* sintetiza os jornais levados em consideração para análise.

Tabela 1 Recorte dos jornais para coleta e análise de dados.

| Jornais | Período | Acervo |
|---------------------------------|--------------------------------|---|
| <i>A Província do Pará</i> (PA) | Setembro a dezembro de 1977 | Biblioteca Pública Arthur Vianna, Belém (PA) |
| <i>O Estado do Pará</i> (PA) | | |
| <i>O Liberal</i> (PA) | | |

Considerações finais

O primeiro jornal editado e impresso no Brasil foi a *Gazeta do Rio de Janeiro* que, a partir de um decreto de Dom João VI, passou a circular no dia 10 de setembro de 1808 como um órgão oficial que publicava os atos do governo (BARBOSA, 2010). Para celebrar os 200 anos da imprensa no Brasil, instituições de pesquisa desenvolveram diversas atividades para valorizar o estudo histórico da imprensa, com destaque para a atuação da Associação Brasileira de Pesquisadores em História da Mídia – Rede Alfredo de Carvalho, com seus encontros anuais e incentivos a publicações sobre o tema (RIBEIRO; HERSCHMANN, 2008).

Apresentamos aqui os pontos iniciais de uma pesquisa voltada para o estudo da imprensa brasileira acompanhando o movimento de alguns pesquisadores que deslocam a mídia de seu usual posicionamento de “pano de fundo” e a colocam no centro do debate. Destacamos a importância do trabalho principalmente porque levará em conta a relação entre a mídia e o sobrenatural, tema talvez pouco abordado na academia. Por se tratar de uma pesquisa de caráter exploratório, não foram definidas hipóteses mas ressalta-se a relevância da proposta em analisar, sob o ponto de vista da construção da memória, o fenômeno *Chupa-Chupa*, repercutido pela imprensa no final dos anos 70.

Referências

ATHAYDE, Reginaldo de. **ETs, santos e demônios na Terra do Sol**: repertório de terror e medo no Nordeste brasileiro. São Paulo: Mythos Editora, 2000.

BARBOSA, Marialva. **História da comunicação no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

_____. **História cultural da imprensa**: Brasil 1900-2000. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

CAVALCANTE, Agildo Monteiro. **Ilha de Colares na Amazônia**: Fenômeno Prato-Voador. Belém: Editora Café, 2014.

DEL PRIORE, Mary. **Do outro lado**: história do sobrenatural e do espiritismo. São Paulo: Planeta, 2014.

ENNE, Ana Lúcia S. **Discussões sobre a intrínseca relação entre memória, identidade e imprensa**. Trabalho apresentado no 2º Encontro Nacional de História da Mídia, da Rede Alfredo de Carvalho, realizado em 2004, na cidade de Florianópolis (SC). Disponível em: <<http://migre.me/dvJ6l>>. Acesso em: 12 jan. 2014.

FERNANDES, Phillippe Sendas de Paula; SEIXAS, Netília Silva dos Anjos. Comunicação & História: a imprensa de Belém no alvorecer do século XX. In: **Revista Brasileira de História da Mídia**, v. 1, n. 1, jan./jun. 2012, p. 33-40.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2003.

MORAIS, Fernando; GONTIJO, Ricardo; CAMPOS, Roberto. **Primeira Aventura na Transamazônica**. São Paulo: Brasiliense, 1970.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: **Revista Projeto História**. São Paulo: PUC-SP; Programa de Pós-Graduação em História, n. 10, dez. 1993, p. 7-28.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart e HERSCHMANN, Micael (orgs). **Comunicação e História**: interfaces e novas abordagens. Rio de Janeiro: Mauad X: Globo Universidade, 2008.

SANT'ANNA, André Albuquerque e YOUNG, Carlos Eduardo Frickmann. **Conflitos no Campo e Desmatamento na Amazônia**: duas faces de uma mesma moeda. In: V Encontro Nacional de Economia Política, 2000, Fortaleza. Anais do V Encontro Nacional de Economia Política. Fortaleza: SEP, 2000.



POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

_____. Memória, esquecimento, silêncio. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

SCHUDSON, Michael. Enfoques históricos a lós estudios de la comunicación. In: JENSEN, K. B.; JANKOWSKI, N. W. (Eds.). **Metodologias qualitativas de investigación en comunicación de masas**. Barcelona: Bosch, 1993, p. 211-228.

SOUSA, Sandra Garcia de. **Visagem**: espanto no rádio paraense. Belém: Imprensa Oficial do Estado, 2012.